

# Reflexões sobre a inclusão escolar de crianças com autismo: revisão de Literatura

ANJOS, Monaliza dos  
CORRÊA, Juliana de  
TRINDADE, Ana Paula Nassif Tondato da

---

**Resumo:** No Brasil e no mundo aumenta a cada ano o número diagnóstico de transtorno do espectro autista, síndrome que se caracteriza pela dificuldade de interação social, afetiva e emocional fazendo com que a criança se isole e evite contato visual. A educação física é mais uma ferramenta para desenvolver a socialização. O objetivo deste trabalho foi investigar na literatura, estratégias utilizadas para a inclusão dos alunos autistas no ensino regular. Trata-se de uma revisão de literatura, realizada através de buscas nos bancos de dados da scielo, BVS e google acadêmico, através das palavras chaves “Transtorno Autístico”, “Educação infantil” e “Educação Física e Treinamento” entre os anos de 2010 a 2018. Encontramos 8.682 e após uma seleção apresentamos 13 artigos para discussão. Foi destacado que a maioria dos professores se dizem não estar preparados para receber os alunos com deficiência, apresentando falta de conhecimento sobre o transtorno do espectro autista e sobre as estratégias pedagógicas a serem utilizadas para que possam tornar o ensino mais eficiente para esse público. Outro ponto importante a ser citado é a intervenção multidisciplinar com a participação de fonoaudiólogos, psicólogas e da participação efetiva da família no âmbito escolar, proporcionando um melhor resultado no ensino e aprendizado ao aluno e troca de conhecimento aos profissionais envolvidos no ensino e aprendizado. Concluímos que é necessários mais estudos relacionados ao autismo e inclusão dos mesmos no ensino regular, para auxiliar os profissionais trazendo conhecimento e esclarecimento sobre o assunto para que a inclusão seja efetiva e eficiente.

---

**Palavras Chaves:** Autismo; Inclusão; Educação física.

---

**Abstract:** in Brazil and in the world, the number of autistic spectrum disorders, a syndrome characterized by the difficulty of social, affective and emotional interaction, causes the child to isolate himself and avoid visual contact. Physical education is another tool for developing socialization. The objective of this work was to investigate in the literature, strategies used for the inclusion of autistic students in regular education. This is a literature review, carried out through searches in the databases of scielo, BVS and academic google, through the key words “Autistic Disorder”, “Infant Education” and “Physical Education

and Training” between the years of 2010 to 2018. We found 8,682 and after a selection we presented 13 articles for discussion. It was pointed out that the majority of teachers say they are not prepared to receive students with disabilities, presenting a lack of knowledge about autism spectrum disorder and pedagogical strategies to be. Another important point to be mentioned is the multidisciplinary intervention with the participation of speech therapists, psychologists and the effective participation of the family in the school environment, providing a better result in teaching and learning to the student and exchange of knowledge to professionals involved in teaching and learning. We may conclude that it is necessary to do more studies related to autism and to include them in regular education to help professionals bring knowledge and clarification about the subject so that the inclusion is effective and efficient.

---

**Keywords:** Autism; Inclusion; Physical education.

---

## Introdução

As primeiras obras que abordaram o problema do autismo foram de autoria do psiquiatra Leo Kanner, em 1943. Inicialmente foi denominado como “distúrbio autístico do contato afetivo”, e o conceito foi modificando com bases em pesquisas científicas em que foi possível identificar diferentes etiologias e graus de severidade, passando a ser visto como uma síndrome (SCHMIDT e BOSA, 2003).

O autismo está sendo estudado por vários autores e com definições diferentes. Em outro estudo realizado também por Kanner (1956), foi descrito o quadro como uma “psicose”. Em estudo realizado por Ritvo (1976), relaciona-se o autismo a um déficit cognitivo, já Misés (1990), remete-nos ao conceito de “defeito de organização ou desorganização da personalidade”. Na atualidade, dificilmente encontra-se autores que não considerem o autismo dentro de uma abordagem cognitiva. (JUNIOR e PIMENTEL, 2000)

De acordo com Costa e Nunesmaia, (1998), o autismo é uma desordem da personalidade, que afeta a linguagem, a interação social, a comunicação verbal e não verbal e no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-4), na Associação Americana de Psiquiatria (AAP), sendo denominado como “Transtornos Invasivos do Desenvolvimento”.

Déficits qualitativos social e na comunicação, padrões de comportamento repetitivos e estereotipados e repertório restrito de interesses e atividades, são manifestações comportamentais do autismo, como também, dificuldade na interação social que pode se manifestar com o isolamento, falta de empatia social ou emocional e pobre contato visual (GADIA et al., 2004).

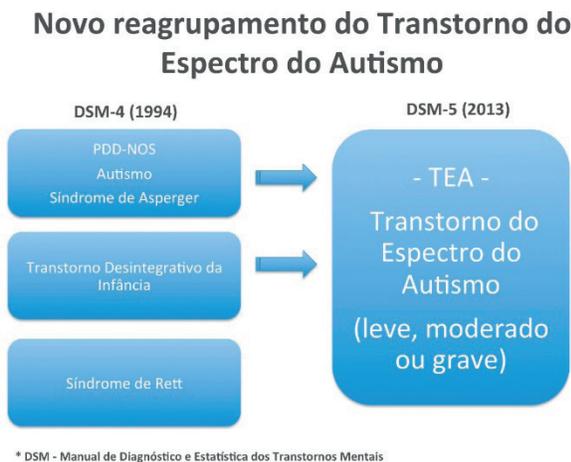
De acordo com Kupfer (2000), os primeiros traços de autismo podem surgir por volta de seis meses de idade, o bebê não olha diretamente para ninguém e evita principalmente o rosto materno, o bebê sentado não fixa a cabeça, que cai para o lado já que não há porque olhar.

Os critérios usados para o diagnóstico são descritos no Manual Estatístico e Diagnóstico da Associação Americana de psiquiatria, o DSM, em que foi esta-

belecido em dois diagnósticos, (1) - “transtorno invasivo (ou global) do desenvolvimento” - autismo; e (2) - transtorno invasivo (ou global) do desenvolvimento não especificado (TID-NE). A maioria dos indivíduos melhora com a idade e com o tratamento adequado, porém a dificuldade de comunicação e socialização tende a permanecer por toda vida (BOSA, 2003).

Autismo clássico, Distúrbio Global do Desenvolvimento, Síndrome de Asperger, todas essas síndromes faziam parte do “espectro do Autismo”, de acordo com o antigo DSM-4 (Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais. O DSM é classificação padrão de transtornos mentais usados pelos profissionais de saúde nos Estados Unidos). Em 2013, foi realizada uma nova versão deste manual - o DSM-5 (Figura 1), que integrou todas essas síndromes em uma só denominação – TEA - Transtorno do Espectro Autista e foi subdividido pelo nível de severidade: leve, moderado ou grave. O transtorno Desintegrado da infância foi incorporado, enquanto a Síndrome de Rett passou a não fazer parte do novo DSM-5.

**Figura 1:** Principais alterações da DSM-4 para a DS



**Fonte:** <https://educaserblog.wordpress.com/2017/04/23/as-mudancas-do-dsm-5-e-o-transtorno-do-espectro-autista-tea/>

Para se ter um diagnóstico de autismo é necessária uma análise cuidadosa - avaliações de linguagem e neuropsicológica, exames complementares como estudos de cromossomos, incluindo DNA para X-frágil e estudos de neuroimagem ou neurofisiologia, que podem ser necessários em casos específicos, para permitir identificar subgrupos mais homogêneos, de acordo com o fenótipo comportamental e a etiologia (GADIA et al.; 2004).

De acordo com Bosa e Callias (2000), no Brasil apesar de não ter dados estatísticos, calcula-se aproximadamente 600 mil pessoas afetadas pela síndrome autista.

Segundo Oliveira (2009), nem sempre é fácil apontar sinais patogênicos no autismo, podendo apresentar-se por uma clínica de atraso, que é evidente nas áreas da interação social, e da linguagem, quando essas aquisições se apresentem inferiores para a idade cronológica e mental da criança. A dissociação é revelada pelo perfil de desenvolvimento que não é homogênea e o desvio é facilmente notado em quase todas as crianças com autismo, pela falta de normalidade das aquisições do desenvolvimento.

A inclusão educacional escolar do autista no Brasil, é uma ação política, cultural, social e pedagógica, que visa garantir o direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando (NUNES, AZEVEDO, SCHMIDT, 2013). Fruto da luta das famílias pelos direitos dos seus filhos com autismo, uma luta de mais de 40 anos, a partir da primeira Associação amiga do autista (AMA) em São Paulo e muitas outras pelo Brasil afora. Também da criação da Associação Brasileira de Autismo – ABRA, de vários Congressos Nacionais e internacionais, de Grupos de Estudos e Pesquisas e de contribuições na construção de vários documentos para a inclusão dos autistas na educação, nos serviços de saúde e assistência e do notável crescimento do movimento social no Brasil.

Em 1990 foi instituída a ‘Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista’, que foi alterada em 2012, onde consta a definição do transtorno do espectro autista como aquela pessoa portadora de síndrome clínica e que apresente deficiência significativa de comunicação e interação social, ou alteração de comportamento com característica de padrão restritivo ou repetitivo de comportamento, associada ao comportamento sensorial incomum.

A lei 8.069, de 13 de julho de 1990, conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente, também ressalta a importância da preparação da pessoa com transtorno do espectro autista para o mercado de trabalho,

De acordo com Lemos et. al. (2014), o contexto escolar oportuniza contatos sociais, favorecendo o desenvolvimento da criança autista, assim como as demais crianças, na medida em que convivem e aprendem com as diferenças.

Segundo Silveira et al. (2012), a educação inclusiva tem sido uma desfilha pela falta de recursos para professores e alunos e pouco conhecimento sobre métodos de estimulação, o que mostra que existe uma lacuna entre atitudes e práticas pedagógicas

Entende-se que a educação inclusiva proporciona ao aluno um ambiente agradável e acessivo e o objetivo do processo de inclusão é garantir que os alunos com necessidades especiais tenham o mesmo acesso à educação que os demais alunos, o que é extensivo para as aulas de educação física (ALMEIDA e CORDERO, 2014).

Para Almeida e Cordero (2014), incluir alunos com necessidades especiais é um desafio para a sociedade e a escola, pois além da integração e socializa-

ção, requer o respeito pelas suas diferenças. Nas atividades de educação física, a inclusão oportuniza a todos a participação e cabe ao professor ser o mediador no processo de ensino aprendizagem das práticas esportivas e das habilidades motoras dos alunos, portadores ou não de deficiência.

Falkenbach et al., (2007) diz que a inclusão é responsabilidade institucional, que deve promover condições para o processo da inclusão e não uma ação isolada centrada apenas no professor. A educação física na inclusão, vai além do simples desenvolvimento de atividades físicas, o professor de educação física deve contribuir com a formação do cidadão, e possibilitar aprendizagem e avanços nas capacidades de adaptação da criança com necessidades especiais.

Segundo Gomes (2013), a educação física melhora vários aspectos na vida do aluno com deficiência e contribui para o desenvolvimento social, afetivo e intelectual, sendo essencial que o professor conheça seu aluno e as suas necessidades e possibilite a prática inclusiva desses alunos em suas aulas.

Para Gorgatti et al. (2004), a educação física não deve se limitar e deve ser realizada com o objetivo de transformar essa convivência em uma ferramenta, preparando pessoas mais conscientes para a vida. A interação social entre as crianças é indispensável para promover o seu desenvolvimento, cabendo à escola viabilizar as possibilidades de experiências socializadoras, permitindo a elas o desenvolvimento de processos psicológicos superiores (MATTOS; NUEMBERG, 2011).

Martins e Monteiro (2017), nos indicam alguns entraves para a inclusão de alunos com espectro do autismo, dentre eles o desconhecimento por parte dos educadores de alternativas didáticas e de oferta metodológica de atividades pedagógicas para a escolarização dos alunos autistas, como também, a carência de eventos para divulgação de estudos e descobertas visando a socialização do conhecimento nesta área.

Apesar da educação inclusiva propor uma tentativa de realidade ideal para a formação do indivíduo como membro da sociedade capaz de viver produtivamente e com oportunidades equitativas, é preciso que os serviços educacionais sejam eficazes. Dentro do ambiente escolar são diversas as indagações que, se de um lado parecem ser fáceis de responder, de outro dificultam o manejo ou adequação na prática pedagógica (FALKENBACH et al., 2006).

### **Percurso da pesquisa**

Trata-se de um trabalho caracterizado como revisão de literatura narrativa. Esse tipo de pesquisa se dá através de uma coletânea crítica das literaturas especializadas mais importantes, publicadas a respeito de um tema específico e tem papel fundamental em trabalhos de pesquisa acadêmica. (CRISTIANE e KFURI, 2010)

Para a elaboração da revisão de literatura seguimos as seguintes etapas:

- 1 - Definição das palavras chaves que direcionariam melhor o trabalho.
- 2 – Definição da combinação dos termos nos bancos de dados utilizados.
- 3 – Seleção de forma a considerar primeiro o título e caso se enquadrasse nos objetivos do estudo, realizamos a leitura do resumo para verificar se o artigo se enquadrava na proposta do estudo.

A pesquisa foi realizada no site de descritores em ciências da saúde (DeCS), através de termos que melhor possibilitassem a busca de artigos para seu desenvolvimento. Definimos que os termos seriam: “Transtorno Autístico”, “Educação infantil” e “Educação Física e Treinamento” que apresentam os seguintes significados:

**Transtorno Autístico:** transtorno que tem o seu início na infância. É caracterizado pela presença de um desenvolvimento acentuadamente anormal ou prejudicado nas interações sociais e na comunicação social, e de um repertório de atividades e interesses restritos. As manifestações do distúrbio variam enormemente, dependendo do nível de desenvolvimento e idade cronológica do indivíduo.

**Educação Infantil:** O treinamento e a formação das crianças pelos pais ou por substitutos dos pais. Também é usado para práticas de educação infantil nas diferentes sociedades, em diferentes níveis econômicos, em diferentes grupos étnicos etc. Difere de poder familiar pelo fato de que, na educação infantil, a ênfase está no ato de treinar e formar a criança e na interação entre pais e criança, enquanto em poder familiar, a ênfase está na responsabilidade dos pais e no fato do seu comportamento servir de exemplo para a criança.

**Educação Física e Treinamento:** Programa de instruções para o cuidado e desenvolvimento do corpo, frequentemente em escolas. O conceito não inclui exercícios prescritos, que são terapia por exercício.

A forma de busca utilizou os dois primeiros termos cruzados com o último. Para atender aos objetivos propostos, foi estabelecido como critério de inclusão o conteúdo dos títulos e resumos que tinham interface com autismo e educação física. Esse procedimento foi necessário por existirem trabalhos das áreas da Medicina, Fonoaudiologia, Genética, bem como referentes a outras deficiências, ou com o foco na educação escolar, os quais não eram objeto deste estudo.

No banco de dados do Google acadêmico, utilizamos as seguintes formas de pesquisa: Transtorno Autístico and. Educação infantil e Transtorno Autístico and. Educação Física e Treinamento. No banco de dados da *scielo* realizamos a pesquisa com os termos isolados, ou seja, sem nenhuma combinação.

Os resultados encontrados nessas bases de dados foram comparados, buscando-se identificar a correspondência de publicações, ou seja, se as teses/dissertações foram publicadas em forma de artigo por seus autores.

A busca foi feita nos sites BVS, Google acadêmico e *scielo*, com publicação no período de 2010 a 2018. Foram descartados artigos duplicados, artigos que não foram publicados na íntegra, artigos publicados em anais de eventos científicos, ou artigos que não abordassem o tema educação inclusiva de crianças com autismo e educação física nas escolas.

Para análise dos dados foi elaborado um quadro onde se apresentou os seguintes dados de cada artigo: título, autor e ano de publicação, objetivo, metodologia e conclusão. Após essa apresentação prévia, os artigos encontrados foram discutidos.

### Resultados e Discussão

Foram encontrados ao todo 8.682 artigos, divididos nos seguintes bancos de dados: 660 artigos BVS; 7.960 Google acadêmico e 62 no site *scielo*.

Após análise dos títulos e leitura dos resumos, foram selecionados 13 artigos, que estão apresentados no quadro 1.

**Quadro 1:** Artigos apresentados - os títulos, autores, ano de publicação, objetivo, metodologia da pesquisa e conclusão, que foram selecionados para elaboração do estudo.

Título, Autor(es), ano	Objetivo	Metodologia da pesquisa	Conclusão
Concepções de professores sobre inclusão escolar e interações em ambiente inclusivo: uma revisão da literatura.  Silveira et al., 2012	Verificar estudos realizados de 2000 a 2010, estudos que tratam da interação entre professores e alunos com deficiência e sua inclusão escolar, identificando fatores que facilitam ou dificultam a eficácia da inclusão no contexto escolar.	- Revisão literária, investigando a abordagem dos professores na educação inclusiva, interação, educação especial, escola, aprendizagem, deficiência mental, mediação da aprendizagem, desenvolvimento infantil.	Os estudos apresentaram questionamentos, ora sobre a revisão do processo de medicalização das deficiências, ora sobre a necessidade de treinamento dos profissionais, não sendo observados questionamentos sobre a necessidade de se construir estratégias promotoras de saúde entre os profissionais da escola.
Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre Interações sociais no contexto escolar.  Lemos et al., 2014.	Analisar as interações sociais de crianças com espectro autista nos contextos de escolas regulares, c o n s i d e r a n d o a mediação das professoras.	Participaram desse estudo 4 professores que tinham em suas turmas alunos com diagnóstico de autismo. Foram realizadas observações no contexto escolar, registradas através de uma câmera de vídeo digital.	Observa-se que as estratégias adotadas pelas professoras são, na maioria das vezes, baseadas na intuição, com pouco respaldo teórico e pouca orientação de profissionais capacitados.

<p>Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura.</p> <p>Nunes Azevedo e Schmidt, 2013</p>	<p>Identificar o que as produções científicas nacionais, têm revelado sobre a inclusão de pessoas com TEA no Brasil.</p>	<p>Revisão de literatura entre 2008 e 2012, a pesquisa constituiu-se pela busca de descritores chaves, incluindo os termos autismo associado à inclusão escolar, educação especial, escolarização, sala de aula regular e/ou professores/educadores.</p>	<p>De um forma geral, os docentes revelam falta de conhecimento sobre a síndrome e estratégias pedagógicas, em algumas pesquisas que a pratica educativas adotadas tem se mostrado ineficientes para os alunos autistas.</p>
<p>Alunos com distúrbios do espectro autístico em interação com professores na educação inclusiva: descrição de habilidades pragmáticas.</p> <p>Brito e Carrara, 2010.</p>	<p>Investigar as habilidades pragmáticas de alunos com distúrbios do espectro autístico durante a interação com suas professoras em ambiente escolar.</p>	<p>Participaram do estudo 14 alunos com diagnostico de autismo, que frequentavam do maternal à 2ª série do Ensino Fundamental e suas respectivas professoras. Foram utilizados, câmera de vídeo para a realização das filmagens das interações, ficha de controle de filmagem e protocolo para análise do perfil funcional da comunicação</p>	<p>Verificou-se se havia relações de dependência entre as variáveis do perfil comunicativo das professoras e dos alunos. Assim, foi observada correlação positiva entre o número de atos comunicativos apresentados por minuto pelos alunos e por suas professoras.</p>
<p>O fonoaudiólogo e a escola- reflexões acerca da inclusão escolar: estudo de caso</p> <p>Gertel e Maia, 2010</p>	<p>Apresentar o relato de um estudo de caso de uma criança com diagnóstico médico de Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) matriculada em escola da rede regular de ensino.</p>	<p>Pesquisa de natureza clínico-qualitativa desenvolvida por meio de estudo de caso. O material utilizado foi elaborado a partir de registros em forma de relatórios e abrangem os atendimentos à escola</p>	<p>O paciente frequenta uma classe de ensino regular apresentou desenvolvimento significativo em seu comportamento social no ambiente escolar, além de efetivo avanço em sua comunicação oral a partir do acompanhamento do fonoaudiólogo escolar, além de efetivo avanço em sua comunicação oral.</p>

<p>Alunos autistas: análise das possibilidades de interação social no contexto pedagógico</p> <p>Martins e Monteiro, 2017</p>	<p>Observar as interações sociais estabelecidas entre o aluno autista e seus pares, professora e monitora, analisando o desenvolvimento e escolarização desses sujeitos na escola regular.</p>	<p>Esse estudo foi baseado na observação dos alunos de uma sala de aula classificada como Ensino Fundamental, para melhor análise foram realizadas filmagens.</p>	<p>Nota-se a curiosidade dos alunos pela câmera e pela pessoa que está filmando, todas as crianças, em algum momento, alguns mais, outros menos, manifestaram algum interesse em olhar o visor da mesma. Pode ser observado algumas crianças fazendo graça para câmera as vezes dando sorrisos e em outras olhando fixamente o que possibilita refletir sobre a possibilidade da produção de novos sentidos a partir das situações concretas e experiências vivenciadas pelo autista na relação com o outro.</p>
<p>O conhecimento de docentes de educação infantil sobre o transtorno do espectro autístico.</p> <p>Castro e Giffone, 2017</p>	<p>Identificar o conhecimento sobre transtorno espectro autista (TEA) dos professores de educação infantil e identificar o perfil de profissional se sente prepara para trabalhar com esse público.</p>	<p>Foram convidados 300 professores de educação infantil das escolas públicas da cidade Paulínia (SP). Foi aplicado um questionário semiestruturado com 10 questões.</p>	<p>Os professores com formação em Magistério/ ensino médio e superior achavam que curso de especialização é o que mais prepara para lidar com o autismo, seguido de apoio pedagógico; aqueles com pós-graduação dão prioridade ao apoio pedagógico. As professoras encontram mais dificuldade de atuação apontam que a maior dificuldade são o comportamento e comunicação, os professores pós-graduados veem dificuldade no item autonomia.</p>

<p>Concepções de pais e professores sobre a inclusão de crianças autistas.</p> <p>Lemos et al., 2016</p>	<p>Analisar as concepções de pais e de professores acerca da criança autista e do processo de inclusão escolar, concepções acerca do autismo e da inclusão escolar exercem sobre as práticas escolares, assim como sobre a participação da família nesse processo.</p>	<p>Participaram deste estudo seis professores da cidade de João Pessoa (PB), que tinham alunos com autismo em suas turmas, mães e pais e as crianças com diagnóstico de espectro autista. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com pais e professoras registradas através de um minigravador.</p>	<p>As professoras revelaram que, em relação à “concepção de criança com espectro autista”, a maioria demonstrou estar reformulando suas concepções a partir das experiências estabelecidas com estas crianças no cotidiano escolar. Um dos aspectos positivos envolvem as possibilidades e os resultados dos esforços dispensados com o trabalho de inclusão. A maioria dos professores destacaram a importância da família para a inclusão escolar do filho autista.</p>
<p>Autismo e inclusão na educação infantil: Crenças e auto eficácia da educadora.</p> <p>Sanini e Bosa, 2015</p>	<p>Investigar as crenças de uma educadora sobre o desenvolvimento de seu aluno com autismo, na educação infantil.</p>	<p>Foi realizado uma entrevista com os professores e aplicado um questionário específico para este estudo, com base na literatura. Com questões que abordam aspectos como conhecimento sobre o autismo; sentimentos em relação ao trabalho; práticas utilizadas; percepção sobre o desenvolvimento e aprendizagem da criança, bem como sobre o apoio e/ou orientação recebidos.</p>	<p>Foi possível identificar atitudes positivas e de aceitação de crianças com autismo, os mesmos relatam que sentimentos iniciais era de medo e insegurança para trabalhar com um aluno “diferente”, ela conseguiu desenvolver uma relação baseada no afeto, no carinho e no conhecimento sobre seu jeito de ser e reagir. Os resultados deste estudo, pelo menos no que refere à educação infantil, aponta para a necessidade da formação continuada dos professores, sobretudo daqueles que atuam na área do autismo.</p>

<p>A escuta de professores no trabalho de inclusão escolar de crianças psicóticas e autistas.</p> <p>Bastos e Kupfer, 2010</p>	<p>Oferecer um espaço de interlocução e troca de experiências para falar das dificuldades na escolarização desses alunos.</p>	<p>Se trata de um trabalho discursivo, estabelecendo, assim, modalidades de relação social que Lacan formulará em termos de quatro discursos: o discurso do mestre, o discurso universitário, o discurso da histórica e o discurso analítico.</p>	<p>A análise desse fragmento permite destacar três resultados: a desconstrução das formações imaginárias que fazem obstáculo à função simbólica, o reconhecimento da posição do sujeito no discurso e o giro na posição discursiva. Uma vez que não obtém respostas fechadas de como devem proceder e conduzir-se em sua tarefa educativa, os professores se vêem desafiados a criar seu próprio fazer educativo pautado na singularidade de seu aluno e não negando a sua condição de sujeito.</p>
<p>Avaliação de funcionalidade em atividades e participação de alunos com transtornos do espectro do autismo.</p> <p>Miccas et al., 2014</p>	<p>Avaliar a funcionalidade de alunos com diagnóstico de transtornos do espectro do autismo.</p>	<p>Participaram deste estudo alunos com diagnóstico de autismo, de uma escola especial de ensino fundamental e os professores. Para este estudo foi elaborado um protocolo para ser utilizado por professores do ensino regular e/ou especial.</p>	<p>Os resultados da avaliação dos professores mostram que a maior dificuldade dos alunos com Transtorno espectro autista nas áreas de “aplicação do conhecimento” e “comportamento e socialização”.</p>
<p>Inclusão na educação física escolar: considerações sobre a constituição da subjetividade humana.</p> <p>Chicon e Sá, 2011</p>	<p>Conhecer o processo educacional de uma criança autista num Centro Municipal de Educação Infantil em Vitória, ES.</p>	<p>Trata-se de uma pesquisa qualitativa uma revisão literária.</p>	<p>A Educação Física deve se apoiar em profissionais que não possuam apenas a habilidade de executar uma ação pedagógica, mas autonomia para analisar, criar, recriar caminhos para se potencializar tais habilidades, com o objetivo de levá-las ao pleno desenvolvimento das potencialidades de seus educandos considerando os diferentes contextos/ cotidianos educacionais.</p>

<p>A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo</p> <p>Pimentel e Fernandes, 2014</p>	<p>Identificar e descrever as dificuldades encontradas pelos professores ao trabalhar com crianças com autismo.</p>	<p>Participaram desta pesquisa 51 professores de escolas regulares e especiais, que tinham alunos com diagnóstico de transtorno espectro autista em suas turmas, com intuito de identificar as percepções dos professores sobre o papel que exercem em relação ao aluno, suas dificuldades e habilidades no que se refere ao aluno, suas observações sobre comportamentos e interesses do aluno e estratégias de comunicação usadas por ambos.</p>	<p>Observou-se que ocorreu diferença significativa em relação às variáveis “para protestar” e “nunca tenta se comunicar”, não se pode afirmar que os professores observaram que seu aluno utiliza sua comunicação apenas e/ou principalmente para pedir informação. A variável em que os professores mais observaram manifestações foi o item “relaciona-se com colegas de sala”, segundo a visão do professor, os alunos com deficiência tem interesse e tenta se relacionar com seus colegas.</p>
---	---	--	---

Vygotsky (2002), afirma que as habilidades cognitivas não são congênitas. Depende principalmente de hábitos sociais e culturais e, portanto, a linguagem é fator crucial para o desenvolvimento das relações intelectuais, possuindo papel crucial no processo de aprendizagem.

Alguns autores destacam a falta de conhecimento dos professores sobre o transtorno do espectro autista, fazendo com que tenham dificuldades e se sintam despreparados para inserir esses alunos no ensino regular (CASTRO e GIFFONE, 2017; SANINI e BOSA, 2015; SILVEIRA et al, 20012; PIMENTEL e FERNANDES, 2014).

Observamos que uma das dificuldades mais comuns encontradas ao lidar com os diversos tipos de TDAH, é a barreira da linguagem, sendo um dos maiores desafios enfrentadas pelos professores.

Lemos et al. (2014), destaca a importância do psicólogo escolar, que contribui na formação continuada dos professores, assessora e acompanha, bem como oferece treinamento aos demais funcionários da instituição, através da realização de trabalhos que também promovam apoio psicológico aos pais da criança.

Em estudo realizado por Brito e Carrara (2010), são destacadas as necessidades educacionais especiais e a necessidade da estruturação de práticas de ensino e de adequações curriculares, afim de melhorar o desenvolvimento de linguagem e a interação social, como também, de aumentar a participação desses alunos em atividades acadêmicas.

Martins e Monteiro, (2017), falam que o papel da educação, no caso do aluno com autismo, deve ser mais efetivo em ações especializadas, pois a criança necessita de um auxílio e envolvimento mais cuidadoso. Essa observação vai de encontro com Miccas et al. (2014), que em um estudo, apontou que quando

inserido um atendimento específico para os alunos com transtorno do espectro autista, os benefícios são consideráveis.

Gertel e Maia (2011) destacam a importância do fonoaudiólogo no atendimento na escola, promovendo condições e estratégias para transformá-la em um ambiente favorável para o desenvolvimento da criança com deficiência e melhorando as relações interpessoais, abrindo caminho para a consolidação da inclusão na comunidade.

Ao analisar a interação entre o professor e o aluno com autismo, quando realizada com intermediação de um profissional especializado como um psicólogo ou psicopedagogo, observa-se que ela se torna mais fácil e efetiva, sendo uma proposta viável.

De uma maneira geral, os docentes revelam desconhecimento da síndrome e as estratégias pedagógicas e isso resulta em poucos efeitos na aprendizagem do aluno autista. (NUNES et al, 2013)

O aluno autista necessita de uma abordagem de interação diferente. Um grande desafio para o professor, principalmente o de educação física, é realizar essa abordagem considerando a necessidade de contato físico e visual inerentes a prática esportiva.

O ambiente escolar é um facilitador para o desenvolvimento de habilidades e deve estar preparado para acolher e estimular o conhecimento e desenvolvimento dos alunos com transtorno do espectro autista (MICCAS et al., 2008)

Chicon e Sá (2011), relatam a importância de todos os envolvidos no processo educacional, em especial os professores, que precisam investigar, planejar, refletir e até mesmo, reinventar as suas práticas pedagógicas.

Lemos et al., (2016) vão além, e afirmam que para se obter a inclusão é necessário conhecimento teórico acerca do autismo e das estratégias de trabalho, sendo a participação da família no âmbito escolar fundamental, e também do psicólogo escolar, que contribui para a formação continuada do professor. Já para Bastos e Kupfer (2010), ter um espaço para que os professores possam discutir sobre suas dificuldades e conquistas em trabalhar com essas crianças, favorece o vínculo entre os professores, o que permite a troca de experiências e o aumento de seu conhecimento, desfazendo suas inseguranças. Podemos dizer que o professor necessita de apoio pedagógico e psicopedagógico no sentido de diminuir suas dúvidas, além da troca de experiências acerca das abordagens mais eficazes para o aprendizado.

Para Lemos (2014) e Miccas et al., (2014) a inclusão se faz necessária para o desenvolvimento dos alunos com deficiência, e ambos também destacam a importância de um planejamento adequado para que os alunos possam ter um ensino e um aprendizado eficientes para seu desenvolvimento.

Em geral, os docentes revelam desconhecer a síndrome e as estratégias pedagógicas para usar em sala de aula. Como resultado, algumas pesquisas indicam que as práticas educacionais adotadas têm produzido poucos efeitos na aprendizagem do aluno autista.

## Considerações Finais

Se faz necessário mais pesquisas relacionadas ao tema de inclusão dos alunos autistas no ensino regular e nas aulas de educação física escolar. Nota-se que a falta de embasamento teórico faz com que os professores tenham dificuldades para inserir alunos com autismo e também, identificar a melhor estratégia pedagógica para obter maior êxito no ensino e aprendizado desses alunos.

Na maioria dos trabalhos investigados, os professores relatam dificuldades, falta de conhecimento para lidar com alunos com deficiência no ensino regular e, em alguns casos, é citado a falta de recursos que possibilitem condições ideais para receber os alunos com deficiência, o que dificulta seu desenvolvimento.

Em outros casos foram observados bons resultados na inclusão dos alunos com deficiência no ensino regular, apontando melhoras no desenvolvimento social, afetivo, motor e cognitivo, o que indica que quando se realiza o trabalho com apoio de profissionais capacitados, o professor consegue atuar como mediador, e para que esses alunos sejam realmente inseridos no contexto escolar. Assim, cabe ao professor se capacitar e buscar conhecer seus alunos, identificando suas dificuldades e necessidades, para que assim, possa elaborar suas aulas de maneira eficiente, de forma que todos os alunos, sejam eles deficiente ou não, tenham as mesmas oportunidades de desenvolver suas habilidades motoras, sociais, cognitivas e emocionais.

## Referências

ALMEIDA, Edilene da Silva; CORDERO, Osvaldo Garcia Homero. A inclusão de alunos portadores de necessidades educacionais nas aulas de educação física no ensino regular. **FAEMA**. v. 5, n. 2, p. 81-97, jul/dez. 2014.

BASTOS, Marise Bbartozzi; KUPFER, Maria Cristina machado. A escuta de professores no trabalho de inclusão escolar de crianças psicóticas e autistas. **Estilos da Clínica**. São Paulo, v. 15, n. 1. 2010.

BOSA, Cleonice; CALLIAS, Maria. Autismo: breve revisão de diferentes abordagens. **Psicologia: Reflexão e crítica**. Porto Alegre, v.13, n.1, 2000.

BOSA, Cleonice; SCHMIDT, Carlos. A investigação do impacto do autismo na família: revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. **Interação em Psicologia**. Rio Grande do Sul, v. 7, n. 2, p. 111-120. 2003.

CASTRO, Ana Cristina de; GIFFONE, Sillvy David Araújo. O conhecimento de docentes de educação infantil sobre o transtorno do espectro autístico. **Revista Psicopedagogia**. São Paulo, v. 34, n. 103. 2017.

CHICON, José Francisco; SÁ, Maria das Graças Carvalho Silva. Inclusão na educação física escolar: considerações sobre a constituição da subjetividade humana. **Movimento**. Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 41-58, jan/mar. 2011.

COSTA, Maria Ione Ferreira da; NUNESMAIA, Henrique Gil da Silva. Diagnóstico genético e clínico do autismo infantil. **Arquivo Neuropsiquiatria**. Natal, v. 56, n.1, p. 24-31. 1998.

FALKENBACH, Atos Prinz et al. A inclusão de crianças com necessidades especiais nas aulas de Educação Física na educação infantil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n.02, p. 37-53, maio/agosto. 2007.

GADIA, Carlos A et al. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de pediatria**. Rio Grande do Sul, v. 80, n.2, 2004.

GERTEL, Marta Cecília Rabinovitsch; MAIA, Suzana Magalhães. O fonoaudiólogo e a escola-reflexões acerca da inclusão escolar: estudo de caso. **Revista CEFAC**. São Paulo, v. 13, n. 5, set/out. 2011.

GOMES, Thamyres de Sousa. **Educação Física como forma de inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais**. Uniceub, Brasília. 2013.

GORGATTI, Márcia Greguol et al. Atitudes dos professores de educação física do ensino regular com relação a alunos portadores de deficiência. **Revista Brasileira de ciência e movimento**. Brasília, v. 12, n. 2, p. 63-68, junho 2004.

JUNIOR, Francisco B Assumpção; PIMENTEL, Ana Cristina M. Autismo Infantil. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. São Paulo, v.22, n.2, 2000.

KUPFER, M. Cristina M. Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. **Psicologia Da USP**. São Paulo, v. 11, n. 1, p. 85-105. 2000.

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias et al., Concepções de pais e professores sobre a inclusão de crianças autistas. **Fractal: Revista de psicologia**. Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, set/dez. 2016.

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias et al., Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre Interações sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira educação especial**. Marília, v. 20, n. 1, p. 117-130, jan/mar. 2014.

MARTINS, Alessandra Dilair Formagio; MONTEIRO, Maria Inês Barcellar. Alunos autistas: análise das possibilidades de interação social no contexto pedagógico. **Psicologia Escolar e educacional**. Maringá, v. 21, n.2, mai/ago. 2017.

MATTOS, Laura Kemp de. NUERNBERG, Adriano Henrique. Reflexões sobre a inclusão escolar de uma criança com diagnóstico de autismo na educação infantil. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, v. 24, n. 39, p. 129-142, jan./abr. 2011.

MICCAS, Camila et al., Avaliação de funcionalidade em atividades e participação de alunos com transtornos do espectro do autismo. **Revista psicopedagogia**. São Paulo, v. 31, n. 94. 2014.

NUNES, Debora Regina de Paula; AZEVEDO, Mariana Queiroz Orrico; SCHMIDT, Carlos. Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, v. 26, n. 47, p. 557-572, set./dez. 2013.

OLIVEIRA, Guiomar. Autismo: diagnóstico e orientação. **Acta pediatri**. Portugal, v. 40, n. 6, p. 87-278. 2009.

PIMENTEL, Ana Gabriela Lopes; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo. **Audiology Communication**. São Paulo, v. 19, n. 2, abr/jun. 2004.

SANINI, Cláudia; BOSA, Cleonice Alves. Autismo e inclusão na educação infantil: Crenças e autoeficácia da educadora. **Estudos de Psicologia (Natal)**. Natal, v. 20, n.3, jul/set. 2015.

SILVEIRA, Kelly Ambrosio et al. Concepções de professores sobre inclusão escolar e interações em ambiente inclusivo: uma revisão da literatura. **Revista brasileira de educação especial**. Espirito Santo, v. 18, n. 4, p. 695-708, out-dez, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores (www.jahr.org). 2002.

SCHMIDT, Carlo; BOSA, Cleonice. A investigação do impacto do autismo na família: revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. **Interação em Psicologia**. Curitiba, dez. 2003.

- Monaliza dos Anjos - CV: <http://lattes.cnpq.br/8142655380387985>

- Juliana de Oliveira Corrêa - CV: <http://lattes.cnpq.br/6138120112275388>

- Ana Paula Nassif Tondato da Trindade - CV: <http://lattes.cnpq.br/6621096333885253>